

IDENTIDADE CHICANA E GÊNERO: UM ESTUDO SOBRE A CASA NA RUA MANGO DE SANDRA CISNEIRO

Paulo Geovane Souza Almeida

Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia – UFPI e em Letras-Português – UESPI; Especialista em Docência Superior - FAEME; Mestre em Letras – UESPI. Professor Efetivo da Secretaria Municipal de Educação de São Luís – Maranhão.

<https://lattes.cnpq.br/3537764592631539>

<https://orcid.org/0009-0003-1343-3577>

E-mail: pauloalmeida@aluno.uespi.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N4-67>

RESUMO: A relação entre os conceitos de identidade e gênero tem se tornado cada vez mais aprofundados no campo dos estudos culturais. Desse modo, o presente trabalho tem como objeto de análise a narrativa da obra *A casa na Rua Mango* da escritora Sandra Cisneros. O intuito desta pesquisa é estabelecer como os preceitos da cultura chicana influenciam nos conflitos identitários da personagem principal da obra, Esperanza, que busca seu desenvolvimento como mulher imigrante dentro de uma comunidade e cultura marginalizada. Dessarte, a discussão será pautada na perspectiva da crítica feministas, a partir dos pensamentos de Ribeiro (2017) e Anzaldúa (2012), em diálogo com os estudos culturais elucidados principalmente por Hall (2006) e Bhabha (2010) a tratar da formação de uma identidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Gênero. Cultura. Crítica Feminista. Sandra Cisneros.

CHICANO IDENTITY AND GENDER: A STUDY ON THE HOUSE ON RUA MANGO BY SANDRA CISNEIRO

ABSTRACT: The relationship between the concepts of identity and gender has become increasingly profound in the field of cultural studies. Thus, this work has as its object of analysis the narrative of the work *A casa na Rua Mango* by writer Sandra Cisneros. The purpose of this research is to establish how the precepts of *Chicana* culture influence in identity conflicts of the main character of the work, Esperanza, who seeks her development as an immigrant woman within a community and culture marginalized. Thus, the discussion will be based on the perspective of feminist criticism, from the thoughts of Ribeiro (2017) and Anzaldúa (2012), in dialogue with cultural studies elucidated mainly by Hall (2006) and Bhabha (2010) dealing with the formation of a cultural identity.

KEYWORDS: Identity. Genre. Culture. Feminist Criticism. Sandra Cisneros.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Muito se fala sobre a importância da escrita de autoria feminina para o desenvolvimento de uma subversão das ideologias patriarcais e sexistas. A crítica

feminista reafirma a voz das mulheres como ativa e empoderada e contribui para reduzir a desigualdade ainda existente pela distinção binária de gênero. Todavia, a ampliação da discussão a respeito da quebra da universalização do conceito de mulher estabelecida pelo feminismo hegemônico para dar espaço a outras nuances fundamentais, até poucas décadas ignoradas, como raça, orientação sexual, identidade de gênero, que se faz necessária, visto que essa consciência foi capaz de problematizar conceitos preestabelecidos tidos como verdades absolutas, tornando a literatura um campo cada vez mais múltiplo e diverso.

Com efeito, *A casa na rua mango* escrito pela autora mexicano-americana Sandra Cisneros, foi publicado em 1984. A obra, responsável por elevar a autora a nível internacional, é fortemente baseada em suas memórias. Dessa forma, *A casa na rua Mango* conta a história e as desventuras de Esperanza, uma pré-adolescente filha de imigrantes mexicanos que moram em um bairro periférico de Chicago. A narradora e protagonista, Esperanza, narra os acontecimentos de sua vida e de outros moradores da rua por um ano, durante o período de transição entre os 12 e 13 anos, marcado pelos conflitos de sentimentos e gerados pelo choque cultural e pelas autodescobertas relacionadas a sua construção como mulher em uma comunidade altamente machista e seu desenvolvimento físico e emocional.

Visto isso, no campo dos estudos culturais literários, a questão da identidade é sempre discutida, pois ela disponibiliza uma vasta gama de materiais que espelham as complicações sociológicas e políticas que cercam a construção da identidade de um sujeito. A idealização de um sujeito com uma identidade socialmente definida, fechada e imutável, não é mais aceita e abre espaço para discutir as necessidades dos sujeitos pós-modernos. Segundo Bhabha (2010, p. 19):

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultam em uma consciência das posições do sujeito- de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual- que habitam qualquer pretensão a identidade no mundo moderno (BHABHA, 2010, p. 19).

Dessa forma, ainda que alguns símbolos e ideologias persistam aos novos conceitos, eles declinam com o tempo, pois a modernidade implica também mudança,

rompimento e desprendimento do passado.

Na obra, *Esperanza* anseia por encontrar seu “lar”, visto que ela deixa claro o fato de sentir vergonha e desconforto com *A casa na Rua Mango*, “Foi então que eu soube que eu tinha que ter uma casa. Uma casa de verdade. Uma para a qual eu pudesse apontar. Mas não é essa. A casa na Rua Mango não é isso” (CISNEROS, 2020, p.19). Assim como o desejo de se desconstruir como mulher mexicana e se firmar no entre lugar das duas culturas e desse modo definir mostrando o seu “eu” identitário: “Eu gostaria de me batizar com um nome novo, um nome que combine mais com a verdadeira eu, aquela que ninguém vê” (CISNEROS, 2020, p.23).

Assim, iniciamos aqui a investigação, sob a perspectiva da crítica feministas, pautada nos pensamentos de Ribeiro (2017) e Anzaldúa (2012), em diálogo com os estudos culturais elucidados principalmente por de Hall (2006), Bhabha (2010) a tratar da formação de uma identidade cultural, sobre como os construtos da cultura chicana influenciam nos conflitos identitários de *Esperanza*, personagem principal da obra em análise, *A casa na Rua Mango* (2020) de Sandra Cisneros que busca seu desenvolvimento como mulher dentro de uma comunidade de imigrantes e cultura marginalizadas.

IDENTIDADE CHICANA: REFLEXÕES ACERCA DOS ESTUDOS CULTURAIS

A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza (SOUSA, SILVEIRA, 2014. *apud* MERCER, 1990, p. 43).

Dentro dos estudos culturais é comum a ideia de que a sociedade pós-moderna vem sofrendo, o que Stuart Hall (2006) descreveu como “crise de identidade”. Isto parte de pressuposto de que, com a pós-modernidade emergente, os sujeitos, antes unificados e com seu papel social delimitado está se fragmentando e se reconstruindo com outras diversas identidades, por vezes discrepantes e fluídas. Concomitante a isso, as estruturas institucionais evoluíram e as identidades que compunham as paisagens sociais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que antes nos situavam socialmente, entraram em síncope tornando as identidades culturais variáveis e

temporárias. Segundo Hall (2006):

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2006, p. 12-13).

Ou seja, podemos assumir identidades diferentes para diferentes situações, coerentes ou não e que se moldam à medida que os sistemas de significação e representação cultural se pluralizam.

Desse modo, a multiplicidade das representações culturais está diretamente ligada ao processo de globalização rápido e intenso vivido no âmago da sociedade moderna. Através dela as diferentes culturas foram postas em contato direto, compartilhando histórias e tradições diversas, muitas vezes opostas que passaram a coexistir e a se mesclar. Assim, conseqüentemente, novos sujeitos, híbridos e fracionados surgiram e o processo de formação dessas identidades fruto de diferentes culturas e influências externas é por natureza conflituoso e não tem um resultado estável. A sociedade, bem como os sujeitos sociais encontram-se em constante mudança e fluidez de acordo com o tempo e a situação em questão.

Como foi dito, o processo de construção de uma identidade acontece historicamente e abrange numerosos elementos, muitos deles relacionados, como pontua Hall (2006), ao conceito de nação, nacionalidade e lealdade. “Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos a um sistema de representação cultural.” (HALL, 2006, p. 49) Isto é, a ideia de “ser” e “pertencer” a um grupo social vem da simbologia de comunidade e acolhimento. As tradições compartilhadas, os costumes que foram criando ao longo dos séculos, as histórias, a literatura e representação dessas pessoas dentro dessas histórias geram um sentimento de identificação, lealdade e nacionalismo. Todavia, o conceito de identidade cultural nacional se constrói como heterogêneo e em constante movimento. Bhabha (2010), afirma:

Os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas, ou comunidades étnicas “orgânicas” - enquanto base do comparativíssimo cultural-, estão em

profundo processo de redefinição (BHABHA, 2010, p. 24).

Desse modo, as culturas nacionais passaram a ser concebidas a partir da perspectiva de uma minoria marginalizada em um processo de deslocamento do que se entendia como uma “comunidade imaginada” estruturada e fixa que ainda organiza e direciona as ações e identidades, mas agora com uma perspectiva híbrida e fragmentada.

A questão da influência incessante entre culturas nacionais crescente em tempos de globalização e migração proporciona, em contrapartida ao processo de deslocamento e

disjunção de identidades, um movimento de homogeneização das massas, visto que os sujeitos passaram a compartilhar características de mestiçagem cultural e valores que eram próprios de sua nação. Este movimento cria conflitos identitários, pois o sujeito não se reconhece mais dentro dos valores tracionais de sua cultura, ou pelo menos não se conhece “apenas” com esses valores. Entretanto, esse processo nada tem de solidificado, pois contribui para a fragmentação do pensamento coletivo necessário pra a unificação de uma cultura nacional.

Visto isso, “Chicanos são sujeitos cujas identidades atravessaram fronteiras físicas” (SILVA, 2016) e a delimitação de uma identidade cultural Chicana se faz necessária, pois funciona como resposta a marginalização e silenciamento de todo um povo pelos discursos universais. Apesar do distanciamento físico de sua nação causado pelo processo de migração e miscigenação, as tradições e costumes perpetuam o vínculo entre eles. Paralelamente, são expostos a novos modos de viver, a uma nova cultura a qual são obrigados a assimilar, novos modos de viver, mesmo que não completamente.

Dessarte, essa é a realidade que nos é apresentada em *A casa na Rua Mango*, visto que a protagonista Esperanza é um sujeito híbrido, de origem mexicana, mas também uma cidadã americana, morando em uma comunidade estrangeira. A todo momento, Esperanza deixa claro essa dualidade e todos os conflitos que ela acarreta em sua vida e na vida dos outros moradores que compartilham deste sentimento de deslocamento, como podemos ver no trecho a seguir: “Em inglês, meu nome significa esperança. Em espanhol, significa muitas letras. Significa tristeza, significa espera” (CISNEROS, 2020, p. 23). A ideia de que até seu nome tem sentidos completamente diferentes nas duas culturas evidencia os

conflitos de identidade que a personagem sofria.

A identidade Chicana foi formada no entre fronteiras físicas e invisíveis. Assim como a Chicana, outras comunidades latinas de imigrantes ocupam trechos do território estadunidense compondo zonas culturais heterogêneas. Cada uma dessas comunidades procura preservar suas tradições étnicas dentro de seu grupo, como forma de preservar sua identidade, mas, a marginalização clara entre suas comunidades pela comunidade “puramente” estadunidense causa uma forte atmosfera de dependência e rejeição. No capítulo intitulado “Aqueles que não” *Esperanza* descreve a reação de algumas pessoas ao chegarem em sua comunidade:

Aqueles que não sabem das coisas chegam na nossa vizinhança apavorada. Eles acham que nós somos perigosos. Eles acham que nós vamos atacá-los com facas brilhantes. É gente estúpida que se perdeu e chegou aqui por engano (CISNEROS, 2020, p. 40).

Outrossim, é possível perceber também o sentimento de segregação na perspectiva linguística. Segundo Silva (2016), uma língua comum contribui diretamente para a formação de uma identidade de grupo e senso de comunidade, pois estabelece uma distinção entre o “nós” e “outro”. Entretanto, conceito de uma cultura “pura” linguisticamente é utópico e ilusório. Historicamente, os Estados Unidos são marcados por seu sucessivo acolhimento de imigrantes de diferentes continentes. Mesmo com as políticas de exclusão e apagamentos culturais próprias de países colonizadores, os Estados Unidos nunca poderão ser definidos como um país de uma língua só.

Diante disso, no capítulo “Não fala inglês”, Esperanza assiste à chegada de uma senhora trazida do México na vizinhança, que logo fica conhecida por Mamacita. Segundo a protagonista, o filho da nova vizinha trabalhou por muito tempo em dois empregos e economizou o máximo que pode para conseguir trazer sua família para a Rua Mango. Essa era a realidade de muitos imigrantes que ali viviam. Desse modo, Esperanza narra a tristeza e a solidão dessa senhora dentro da nova cultura e as dificuldades com o novo idioma. Cisneros (2020), deixa claro neste capítulo a crítica ao preconceito e a solidão vividas por pessoas que não conseguem se comunicar na língua inglesa, e as limitações que isso proporciona.

Subindo, subindo, subindo as escadas ela foi com o filho bebê num cobertor azul, o homem carregando suas malas, suas caixas de chapéu

cor de lavanda, uma dúzia de caixas de sapatos de salto acetinados. Depois não a vimos mais. Alguns dizem que é porque ela é gorda demais, outros dizem que é por causa dos três lances de escada, mas eu acredito que ela não saia porque ela tem medo de falar inglês, e talvez isso seja assim porque ela só conhece oito palavras. Ela sabe dizer: ele não aqui para quando o proprietário vem, *Não fala inglês* se alguém mais vem e *Puxa vida*. Eu não sei onde que ela aprendeu essa, mas eu a ouvi dizer isso uma vez e me surpreendeu (CISNEROS, 2020, p. 83).

No trecho acima, podemos observar as consequências a médio prazo do distanciamento do “lar” conhecido, do isolamento pela falta de comunicação e como a saudade de casa afetam os imigrantes. Ainda que mantenham alguns hábitos ou objetos da terra natal, o sentimento de não pertencimento existe e é uma marca na identidade desses sujeitos, pois se adaptar a uma nova cultura é difícil e demanda tempo, ainda mais quando não é possível inserir-se da outra.

Ainda tratando dos aspectos linguísticos, o bilinguismo é uma característica marcante na construção identitária dos Chicanos e conseqüentemente em seus textos. Diante disso, muitos escritores e escritoras utilizam expressões dos dois sistemas de signos em que estão inseridos como forma de demonstrar o hibridismo de sua formação, mesmo não sendo uma regra e outros optam por se comunicar exclusivamente em inglês ou espanhol. Não há regra relacionada a este aspecto, algumas pessoas ficam mais exposta a um idioma que a outro e o utilizam o que as deixam confortáveis. No tocante da escrita de Cisneros em *A casa na Rua Mango* (2020), a autora da preferência a língua inglesa e inclui algumas expressões em espanhol durante o texto, tais como: “Mamacita é a grande mãe do homem que mora do outro lado da rua, no terceiro andar de frente. A Rachel diz que o nome dela deveria ser Mamasota, mas eu acho que isso é maldade” (CISNERO, 2020, p. 83). Assim, a autora deixa claro que Esperanza, como narradora-personagem, tem essa mesma construção linguística.

Portanto, diversos fatores culturais e linguísticos compõem a relação dos Chicanos com suas raízes mexicanas e sua realidade de imigrante em territórios estadunidenses. Em *A casa na Rua Mango* (2020), Cisneros trata dos conflitos identitários gerados dentro dessa relação pelo olhar de uma menina de 13 anos, que a medida que descobre o funcionamento do mundo ao seu redor, descobre sobre si mesma, sobre seus desejos, suas origens. Oriunda do hibridismo cultural, Esperanza passa boa parte do tempo no entre-lugar dos dois mundos (México e Estados Unidos) sem se sentir pertencente a nenhum

deles, mas, a partir do momento em que ela encara a realidade de todos os Chicanos, de que não poderão se isentar de nenhuma dessas partes, a construção da sua identidade quebra uma barreira.

A LAS MUJERES: PERSPECTIVAS DA CRÍTICA FEMINISTA SOBRE A CASA NA RUA MANGO

A voz da ativista não traz somente uma dissonância em relação à história dominante do feminismo, mas também a urgência por existir (RIBEIRO, 2017).

No que diz respeito às discussões sobre a crítica feminista, é importante recorrer à história. No final do século XIX até a década de 1970 começa a tomar força em vários países uma consciência crítica sobre “raça” e “sexo” como consciência social. Essa tomada de consciência foi responsável pelo que ficou conhecido como “crise do cânone”, que possibilitou a problematização de um cânone literário estável e aberto apenas a uma parcela privilegiada deste grupo. É nesse cenário que, na segunda metade do século XX, a crítica feminista se desenvolve, buscando primordialmente resgatar obras de escritoras mulheres que não tiveram antes a oportunidade de serem reconhecidas pelo cânone.

Ademais, a crítica feminista buscou também dar voz às experiências das mulheres a partir da leitura de outras mulheres, possibilitou o reconhecimento de novos estilos de escrita, novos temas, tais como as condições impostas às mulheres no patriarcado e o estereótipo conferido a elas pelas ideologias sociais machistas.

Dessa forma, é sabido que o movimento feminista foi subdividido em três grandes ondas ou períodos. A primeira onda, segundo Zollin (2003), corresponde ao final do século XIX e foi marcada pela luta pelos direitos humanos, o sufrágio feminino e as campanhas pela igualdade legislativa. Já a segunda onda tem início por volta de 1949, com a publicação de *O segundo sexo* de Simone Beauvoir, nela a autora problematiza alguns mitos sobre as mulheres presentes nas obras de autores renomados e destaca o descontentamento das mulheres com a situação de subalternidade. Esta é uma das obras mais mencionadas nos estudos feministas. A terceira grande onda foi introduzida em meados de 1990, e foi marcada, segundo Ribeiro (2017), pela consciência das várias

possibilidades de ser mulher, ou seja, do feminismo abdicar da estrutura universal ao se falar de mulheres e levar em conta as outras intersecções, como raça, orientação sexual, identidade de gênero.

Diante do exposto, a literatura Chicana foi marcada pela voz masculina em sua base até meados de 1980, quando, com os avanços da terceira onda dos estudos feministas, as escritoras ocuparam o seu espaço no movimento literário Chicano e se desvincularam do movimento feminista liderado e predominante composto por mulheres brancas nos Estados Unidos se coligando a grupos feministas formados por outras minorias — principalmente negras e nativas começaram a problematizar as concepções sacralizadas de gênero a que se limitavam as mulheres chicanas em meio a sociedade patriarcalista, tanto em seu país de origem “- que o modelo da *Virgem de Guadalupe* imperava como o modelo de feminilidade, em contraposição a *La Malinche*, a mulher má” (SOUSA, SILVEIRA, 2014, p. 115), quanto a nova cultura em que foram expostos enquanto imigrantes.

Desse modo, os papéis de gênero ocupados pelos sujeitos sociais afetam diretamente o seu comportamento, seu desenvolvimento, sua linguagem e sua noção de “ser” dentro das suas relações sociais. Zollin (2003), define o conceito de gênero, na perspectiva feminista, como:

uma relação entre os atributos culturais referentes a cada um dos sexos e à dimensão biológica dos seres humanos. Trata-se, portanto, de uma categoria que implica diferença sexual e cultural. O sujeito é constituído no gênero em razão do sexo a que pertence e, principalmente, em razão de códigos linguísticos e representacional culturais que o matizam, estabelecidos de acordo com as hierarquias sociais (ZOLLIN, 2003, p. 218).

Soma-se ainda ao conceito de gênero ao contexto histórico em que um conjunto de valores e regras define as posições de cada sujeito socialmente. Visto que as definições do que é ser homem ou mulher são construídas através da definição social de gênero e esse discurso eurocêntrico e patriarcal é transmitido de geração para geração, a mulher é sempre direcionada ao papel de subalternidade. Dessa forma, a mulher sendo a parte inferior desta dicotomia, sua voz representa não somente o que é ser mulher, mas o que é ser mulher em dentro de uma determinada cultura, classe, etnia e contexto.

Efetivamente, a cultura Chicana tem raízes altamente patriarcalistas e um longo

histórico de repressão feminina. Quando pensamos na formação do povo mexicano, é possível enxergar que ela afetou diretamente na organização cultural de seu povo, visto que o passado colonizador deixa sempre suas marcas. Como em vários outros países, os colonizadores espanhóis, escravizavam e violentavam frequentemente as mulheres indígenas, que algumas vezes eram feitas esposas de seus agressores e precisavam anular quase que completamente seus traços culturais. Esse passado de opressão foi suficiente para enraizar a misoginia na formação da nação e solidificar a ideia de que a mulher deve servir ao homem e que se não o fizer se torna indigna socialmente.

De acordo com Anzaldúa (2012), para que identifiquemos a identidade *mestiza* representada por Cisneros (2020), em *A casa na Rua Mango* é essencial percebê-la como uma identidade feminina, uma “*conciencia de mujer*” (ANZALDÚA, 2012, p. 9). Na obra, a protagonista Esperanza observa com um olhar atento a história de diversas mulheres que são obrigadas a viver dia após dia com o peso de ser uma mulher em meio a realidade misógina de um bairro Chicano. Entrementes, Esperanza sente desde muito cedo a diferença de oportunidades entre ela, sendo mulher, e seus irmãos homens. No capítulo denominado “Meninos e meninas” ela discorre sobre essa diferença:

Os meninos e as meninas vivem em mundos separados. Os meninos no seu universo e nós dentro do nosso. Meus irmãos, por exemplo. Eles têm muito a dizer para mim e a Nenny dentro de casa. Mas fora, eles não podem ser vistos conversando com meninas. Carlos e Kiki são melhores amigos um do outro... não nosso (CISNEROS, 2020, p. 22).

Observe que os meninos têm muito a dizer sobre a vida fora de casa, mas a Esperanza e sua irmã Nenny não é dada essa possibilidade, pois, dentro da educação Chicana, meninas devem ser instruídas para o serviço doméstico. A protagonista reforça a ideia nesse mesmo capítulo quando descreve seu sentimento em relação ao sentimento de aprisionamento: “eu sou um balão vermelho, um balão preso a uma âncora” (CISNEROS, 2020, p. 22).

Como Esperanza, a vida das mulheres em sua comunidade é bastante limitada, carregando o peso do gênero, poucas são as possibilidades de um futuro diferente do que lhes é imposto. Desse modo, a educação superior, que é vista como uma forma de ascensão social, principalmente em grupos marginalizados só foi possível para mulheres em meados do século XX, e mesmo com essa possibilidade as dificuldades impostas ao

ingresso dessas mulheres ao ambiente acadêmico eram inúmeras. Além de todo preconceito, era esperado que a educação fosse somada a todas as outras responsabilidades sacramentadas as mulheres, tais como, cuidar dos filhos, da casa e do marido.

Cisneros (2020), destaca em sua narrativa uma fração dessas dificuldades enfrentadas pelas mulheres que lutavam por um futuro acadêmico através de Alicia, uma amiga de Esperanza que faz faculdade:

Alicia, que herdou da mãe o rolo de massa e a sonolência, é jovem e esperta e estuda pela primeira vez na universidade. Dois trens e um ônibus, porque ela não quer passar a vida toda em uma fábrica ou atrás de um rolo de massa. É uma garota legal a minha amiga, estuda toda noite e vê ratos, aqueles mesmos que o pai dela diz que não existem. Não tem medo de nada, exceto dos peludos de quatro patas. E de país (CISNEROS, 2020, p. 44).

Alicia só via os ratos por que precisava estudar durante a noite e trabalhar fora durante o dia, além do serviço doméstico que lhe foi herdado depois que perdeu a mãe. Decerto, Esperanza foi influenciada pelas diversas mulheres que apresenta em sua narração, em algumas a protagonista enxerga modelos que não gostaria de seguir, mas em outras ela encontra resiliência e esperança de dias melhores, mesmo com as dificuldades, é o caso de Alicia.

Ademais, a temática educacional é abordada continuamente na obra, delimitando o desejo de Esperanza de viver longe da Rua Mango, como podemos observar nos seguintes fragmentos:

Hoje, enquanto faz mingau, ela é Madame Butterfly até suspirar e apontar a colher de pau para mim. Eu poderia ter sido alguém, sabe? Esperanza, vá pra escola. Estude muito. Que a Madame Butterfly era uma trouxa. Ela mexe o mingau. Olha as minhas comadres. Ela quer dizer Izaura cujo marido foi embora e Yolanda cujo marido está morto. Tem que se cuidar sozinha, ela diz balançando a cabeça.

[...]

Vergonha é uma coisa ruim, sabe. Te põe pra baixo. Quer saber por que eu desisti da escola? Porque eu não tinha roupas boas. Não tinha roupas, mas eu tinha cérebro (CISNEROS, 2020, p. 95).

Nos trechos acima, a mãe de Esperanza encoraja a filha a seguir os estudos e cita exemplos de suas *comadres*, que não estudaram e não estão bem por isso. A mãe se declara inteligente e capaz de ter estudado, assim como a filha, mas as condições

financeiras e a falta de apoio da família. De acordo com Anzaldúa (2012) “para a mulher da minha cultura costuma haver apenas três caminhos que ela pode seguir: o da igreja, como uma freira, o das ruas como uma prostituta, ou o da casa como mãe” (ANZALDUA, 1987, p. 17, apud SANTOS). De fato, a busca por independência e por melhores condições por meio da educação não é fácil. Todavia, seu equivalente, isto é, seguir as conjeturas e preceitos socialmente impostos não se revela menos desafiador.

Nesse contexto, muitas mulheres optam, ou são submetidas contra sua vontade a permanecer dentro dos padrões ideológicos socialmente exigidos nas comunidades Chicanas. Esperanza é exposta desde muito cedo a essas histórias com mulheres de sua família. No capítulo intitulado “Meu Nome”, a narradora-personagem nos conta a história de sua Avó, de quem herdou o nome:

Foi o nome da minha bisavó e agora é o meu. Ela era uma mulher de cavalo, também, como eu, nascida no ano chinês do cavalo — o que supostamente é má sorte se você nasce mulher —, mas eu acho que isso é uma mentira dos chineses, que, como os mexicanos, não querem que suas mulheres sejam fortes. Minha bisavó. Eu queria ter conhecido ela, um cavalo selvagem de mulher, tão selvagem que não se casou. Até que meu bisavô jogou um saco na cabeça dela e a levou. Bem assim, como se ela fosse um lustre caro. Foi assim que ele fez. E a história diz que ela nunca o perdoou. Ela olhou pela janela a vida toda, do jeito que tantas mulheres apoiam suas tristezas em um cotovelo. Eu fico pensando se ela fez o melhor com o que recebeu ou se ela lamentava por não ter conseguido ser todas as coisas que queria ser. Esperanza. Eu herdei o nome dela, mas eu não quero herdar seu lugar na janela (CISNEROS, 2020. p. 23).

Aqui vemos a objetificação da Avó de Esperanza, que, como muitas outras mulheres foi obrigada a aceitar seu “destino” e sendo obrigada a observar a vida pela janela passivamente, enquanto definha sonhando com a liberdade que lhe foi arrancada a duras penas. Nota-se que da mulher Chicana é esperado castidade, obediência, casamento, servidão, fidelidade, fertilidade. O não cumprimento desses valores acarreta em sua ruína e vergonha para a família. O mesmo destino não é oferecido aos homens Chicanos, de quem se espera apenas lealdade e o sustento financeiro da casa.

Nesse sentido, somos apresentados a uma outra personagem feminina, residente na Rua Mango, que vive em condições parecidas com as descritas anteriormente.

Nas terças-feiras o marido da Rafaela chega tarde porque é a noite que ele joga dominó. Então, Rafaela, que ainda é jovem só que ficando velha

de tanto se debruçar para fora da janela, fica trancada dentro de casa porque o marido dela tem medo de que Rafaela vá fugir já que ela é bonita demais para ser vista. Rafaela se debruça para fora da janela e se escora em seus cotovelos e sonha que seu cabelo é como o da Rapunzel. Na esquina tem música que vem do bar e Rafaela deseja que ela pudesse ir lá e dançar antes de ficar velha (CISNEROS, 2020, p. 86).

Decerto, Rafaela é só mais um exemplo dos inúmeros casos vividos por mulheres Chicanas ou de outra cultura que pregam a ideia da mulher como uma moeda de troca, objeto a ser “guardado” e uma escrava a ser dominada. Apesar de não ser um hábito comum na sociedade ocidental contemporânea, o casamento arranjado por acordos familiares ainda é mantido por algumas culturas. Nele, as mulheres são ofertadas como em um acordo comercial em troca de um dote estipulado pela família. Dessa forma, as mulheres consideradas de famílias abastadas e/ou com uma beleza acima do padrão, como é o caso de Rafaela, tem chances de fazerem “melhores casamentos”, no sentido financeiro da expressão. A repetição desses padrões distorce a percepção das vítimas e torna cada vez mais difícil enxergar que o que estão vivendo é uma violência, formando um círculo vicioso abusivo. Esperanza, mesmo jovem consegue perceber esse padrão e almeja veementemente fugir para longe, onde possa viver a vida livre e ativamente.

Para além dos conflitos domésticos, Cisneros (2020) retrata em sua narrativa mais uma forma de violência a que as mulheres são expostas desde muito cedo. Esperanza relata dois momentos em que foi assediada, mesmo antes de ter uma percepção sexual de seu corpo. Na primeira, Esperanza e suas amigas ganham sapatos de saltos e sofrem sucessivos comentários de teor sexual por isso, inclusive de um vagabundo que diz: “Se eu te der um dólar, você me dá um beijo? Que tal um dólar. Eu te dou um dólar, e ele procura uma nota amassada no bolso” (CISNEROS, 2020, p. 52). Neste momento elas percebem o perigo da situação e decidem tirar os sapatos, “Nós estamos cansadas de ser bonitas.”. No segundo momento, Esperanza consegue seu primeiro emprego e é assediada por um homem mais velho que lhe pede um beijo:

Então ele perguntou se eu sabia que dia era, e quando eu disse que não, ele disse que era o aniversário dele e se eu podia, por favor, dar um beijo de aniversário nele. Eu achei que podia porque ele era tão velho e bem quando eu estava prestes a pôr os meus lábios na bochecha dele, ele agarra a minha cara com as duas mãos e me beija bem forte na boca e não me larga (CISNEROS, 2020, p. 62).

Observe que, mesmo com uma aparência e pensamento ainda infantis, as meninas

não estão seguras em sua comunidade e nem mesmo nas comunidades próximas. Assim. A sexualização das mulheres Chicanas é vista tanto pelo seu gênero, no âmbito mexicano, quanto pela sua condição de mulher colonizada, e portanto, submissa ao colonizador.

Deste modo, podemos afirmar que as histórias das mulheres da Rua Mango, bem como as mulheres da família de Esperanza, influenciam diretamente na percepção de si mesma da protagonista e de sua cultura. Ao vislumbrar a vida de seus vizinhos, Esperanza afirma e reafirma o seu sentimento de deslocamento naquela comunidade, utilizando a casa como metáfora principal para expressar seu desejo de ter um “lar”, que não seja apenas um teto. “Foi então que eu soube que eu tinha que ter uma casa. Uma casa de verdade. Uma para a qual eu pudesse apontar. Mas não é essa” (CISNEROS, 2020, p. 19).

A busca por uma casa ao longo da narrativa representa o desejo por segurança, privacidade, liberdade, muitas vezes citado no texto, mas também significa a busca por uma identidade que acompanhou Esperanza por tantos anos, uma identidade em que pudesse enfim se reconhecer e se orgulhar, mas “A casa na Rua Mango não é isso” (CISNEROS, 2020, p. 19) para Esperanza e nunca foi. Esse sentimento de não pertencimento acarretou em solidão e desesperança muitas vezes para a protagonista: “Eu não pertencço. Eu nem quero vir dali” (CISNEROS, 2020, p. 108).

Em suma, a partir do momento em que Esperanza assume a busca pela casa como a sua liberdade, e não como uma questão sentimental, ela se desvencilha do sentimento de culpa por buscar seus sonhos e descobre que não concorda em nada com as relações opressoras ao seu redor. Assim, através da sua vontade de se tornar escritora e de ter um “lar” no sentido mais amplo e acolhedor da palavra, a protagonista entende suas limitações e que a sua identidade não pode ser construída totalmente, pois é um processo contínuo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que eu escrevo? Por que tenho que porque minha voz em todas suas dialéticas foi silenciada por muito tempo (JACOB SAM-LA ROSE, apud RIBEIRO, 2017, p. 31).

A escritora mexicano-americana, Sandra Cisneros (2020), descreve em seu romance, *A casa na Rua Mango*, a vida de uma comunidade de imigrantes mexicanos que

vivem em um bairro em Chicago (Estados Unidos). Com uma escrita quase autobiográfica, a autora feminista produz um romance que mistura ficção, experiência e principalmente uma crítica ferrenha às condições de desigualdades subalternidade das mulheres dentro das comunidades Chicanas patriarcalistas. Dessa forma, Cisneros (2020), problematiza os padrões binários de gênero ao passo que apresenta sua cultura aos leitores.

Dessarte, a questão de gênero não pode ser dissociada dos contextos sócio-históricos, étnicos e econômicos, pois estes elementos são responsáveis por delimitar o posicionamento de um sujeito socialmente. Como vimos, o conceito de gênero implica em um “sujeito constituído em razão do sexo a que pertence e, principalmente, em razão de códigos linguísticos e representacional culturais que o matizam, estabelecidos de acordo com as hierarquias sociais” (ZOLLIN, 2003, p. 218). Assim, a distinção do *duo* vista através dos papéis sexuais executados pelos sujeitos é o que sacraliza o pensamento de que a mulher é inferior ao homem. Apesar das discussões trazidas pelos estudos culturais e outras correntes que deram voz aos sujeitos marginalizados, algumas culturas insistem que a forma de manter suas tradições vivas é reproduzindo esse discurso.

Nesse sentido, a obra destaca primordialmente as histórias de personagens femininas na visão de Esperanza. Como narradora e protagonista, ela é a representação das vozes dos seus conterrâneos. Dessa forma, Esperanza narra os acontecimentos de sua vida e de outros moradores da rua mango por um ano, durante o período de transição entre os 12 e 13 anos, marcado pelos conflitos de sentimentos gerados pelo choque cultural e pelas autodescobertas relacionadas a sua construção como mulher em sua comunidade, que está em constante batalha contra o apagamento cultural, e seu desenvolvimento físico e emocional. Diante disso, Cisneros (2020) descreve o sentimento de estar “a margem”, socialmente, que atinge duplamente as mulheres imigrantes, visto que são discriminadas por sua raça e por seu gênero.

Concomitante a isso, *A casa na Rua Mango* é também a história de uma menina em busca de um “lar”, onde possa se sentir confortável, segura e livre. Durante a narrativa entendemos que o sentido de “lar” para a protagonista vai muito além de ter um teto. A busca de Esperanza por uma casa, só sua, que a represente e orgulhe é um sentimento comum dentre os sujeitos diaspóricos e demonstra, metaforicamente, sua busca por

identidade, por definir-se culturalmente e sair do “entre-lugar” em que era obrigada a viver.

Em síntese, o presente trabalho buscou investigar como os preceitos da cultura chicana influenciam nos conflitos identitários da personagem principal da obra, Esperanza, que idealiza seu desenvolvimento como mulher imigrante dentro de uma comunidade e cultura marginalizadas, como forma de contribuir para os estudos dos campos investigativos aqui abordados. Decerto, em sua obra *A casa na Rua Mango*, Sandra Cisneros compõe Esperanza um sujeito híbrido fruto dos paradigmas da pós-modernidade conflitante, que ao se distanciar das ideologias culturais de sua comunidade Chicana torna-se escritora, ela rompe o silêncio e faz da sua escrita um mecanismo de denúncia da opressão a que foi exposta durante sua vida.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.
- BHABHA, Homi. Introdução: locais da cultura. In. __. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 19-42
- BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lucia Osana. **Teoria Literária** - Abordagens Históricas Tendências Contemporâneas. Cap. 12- Crítica Feminista. Ed. Eduem. Maringá. 2003, p. 217- 231
- CISNEROS, Sandra. **A casa da Rua Mango**. São Paulo. Ed. Porto Alegre, 2020.
- CULLER, Jonathan. **Teoria literaria: uma introdução / tradução Sandra Vasconcelos** - São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?**. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SANTOS, Lidiane Lessa de Jesus. **Identidade Chicana em The House on Mango Street, de Sandra Cisneros**. Rio de Janeiro. Revista (Entre Parênteses), Volume 9, 2020.
- SILVA, Letícia Gonzalez da. **La Mestiza On Mango Street: Construção de uma Identidade Chicana Feminista em Boarderlands / La Frontera: The New Mestiza e em The House On Mango Street**. Salvador, 2016.
- SOUSA, Raimundo Expedito dos Santos. SILVEIRA, Ederson Luís. **Entre Diáspora e Estranhamento: tecendo olhares sobre a obra de Sandra Cisneros**. Diálogos (Maringá,

online) v.18, suple. Espec. 2014, p. 103-129.

Submissão: junho de 2023. Aceite: setembro de 2023. Publicação: novembro de 2023.